

Reservas cambiais elevadas, acrescidas de operações do Tesouro e do BC, mostram que um dos fantasmas do país está zerado

Era uma vez a fabulosa dívida externa federal

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O Brasil se livrou de um fantasma que atormentou gerações e provocou grandes estragos na economia: a dívida externa pública. Na ponta do lápis, há analistas garantindo que, do ponto de vista técnico, essa dívida foi zerada. Para chegar a essa conclusão, os economistas fazem a seguinte conta: dos débitos de US\$ 86 bilhões contabilizados em janeiro, descontam as reservas cambiais de US\$ 60 bilhões. Do saldo remanescente, abatem US\$ 1,5 bilhão em títulos em reais vendidos no exterior, mais US\$ 1,5 bilhão que o país têm depositados em bancos internacionais como garantia de dívidas renegociadas no passado — as chamadas garantias colaterais. Os US\$ 23 bilhões restantes são descontados de dólares comprados pelo Tesouro Nacional no mercado e dos contratos de *swaps* reversos, operações nas quais o Banco Central (BC) aposta na alta do dólar e os investidores, na elevação dos juros.

“As contas do mercado são consistentes. Pode haver uma ou outra diferença nos cálculos dos dólares arrematados pelo Tesouro e nos *swaps* reversos, pois es-

Monique Renne/Especial para o CB/16.6.05



CÂMARA, DO DRESDNER: NO ENCONTRO DE CONTAS, A DÍVIDA ESTÁ ZERADA

ses números são mantidos em sigilo pelo governo. Mas o fato é que no encontro de contas entre ativos e passivos, a dívida externa do setor público está praticamente zerada”, disse Nuno Câmara, economista, em Nova York, do banco alemão Dresdner Kleinwort Wasserstein. Ele ressaltou, porém, que essa zeragem não significa o pagamento imediato da dívida. “O que o governo criou foi uma espécie de seguro que garante o pagamento dos débitos a qualquer momento. Digamos que é uma apólice contra uma

tempestade inesperada, que dá uma enorme segurança para os investidores”, afirmou.

Grau de investimento

A zeragem da dívida pública externa, por sinal, está sendo usada de forma discreta pelo governo para convencer as agências de classificação de risco a reverem para cima as notas do Brasil. Com o fantasma de um calote eliminado, já que, na pior das hipóteses, os débitos, que vencem até 2040, teriam como ser quitados de imediato, o Ministério da Fazenda e

o BC acreditam que seria possível o país subir pelo menos um degrau na escala das empresas de rating ainda neste primeiro semestre do ano. Se essa melhora acontecer, o Brasil ficaria a apenas duas notas de se tornar um porto seguro para os investidores, o chamado grau de investimento (*investment grade*).

Para o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal, se os cálculos do mercado estiverem superestimados, a zeragem da dívida pública externa vai acontecer ao longo deste ano de qualquer jeito, principalmente se o Tesouro Nacional cumprir a promessa de resgatar, antecipadamente, US\$ 20 bilhões em títulos que vencem até 2010. Somente com esse resgate, os débitos cairiam dos atuais US\$ 86 bilhões para US\$ 66 bilhões, ficando abaixo dos US\$ 70 bilhões estimados para as reservas cambiais no final do ano, diante do grande volume de dólares arrematados pelo BC — somente em janeiro foram adquiridos US\$ 2,444 bilhões. Ao se livrar do fantasma da dívida externa, o governo fecha um ciclo histórico, uma vez que, em dezembro passado, pagou antecipadamente US\$ 15,5 bilhões ao Fundo Monetário Internacional (FMI).